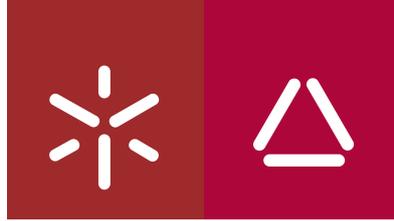


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

José Pedro Cerqueira Amorim

**Experiência de Voluntariado numa
ONG Internacional: A Crise de Refugiados**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

José Pedro Cerqueira Amorim

**Experiência de Voluntariado numa
ONG Internacional: A Crise de Refugiados**

Relatório de Estágio
Mestrado em Políticas Comunitárias e Cooperação Territorial

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Ana Paula Pereira Marques

Nome: José Pedro Cerqueira Amorim

Endereço eletrónico: jose12amorim@hotmail.com Telefone: 916843566

Número BI: 14427607

Título: “ Experiência de Voluntariado numa ONG Internacional: A Crise de Refugiados”

Orientador: Professora Doutora Ana Paula Pereira Marques

Mestrado : Políticas Comunitárias e Cooperação Territorial

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO DESTE RELATÓRIO DE ESTÁGIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMENTE;

Universidade do Minho, __/__/____

ASSINATURA: _____

Agradecimentos

Eu gostaria, sinceramente, de agradecer a um grupo restrito de pessoas, mas que sem elas este estágio e relatório não seriam concretizados:

À Katerina Stoyanova, pela coordenação na instituição de Acolhimento,

Ao Hristo Hristozov, pelas Boas vindas,

Ao Fernando Pinto, pela Pró-atividade,

Ao Emanuel Alves pela Audácia,

Ao Bewar Mossa, pela Humildade,

Aos meus pais, pelo Amor,

Ao meu irmão, pela Ajuda,

À minha Cara Orientadora pela Esperança,

e a todos aqueles que de forma direta ou indireta comunicaram comigo fazendo desta experiência algo que faz agora parte da mim.

Resumo

Um dos maiores problemas do século XXI tem vindo a desenvolver-se rapidamente e com grandes consequências para todos os que são afetados por ele. A crise dos refugiados vem assolando os países do Médio Oriente e arrastando o problema para a Europa, onde os refugiados procuram um novo abrigo /asilo. A guerra no Médio Oriente tem crescido nos últimos anos com vários conflitos em várias áreas e os números foram cada vez mais significativos: número de pessoas que deixam seus países, número de pessoas que buscam asilo, número de pessoas que morrem nos mares e nas jornadas para novos países, número de países que negam entrada, o número de protocolos quebrado, etc.

Este relatório é feito para tentar entender o papel das organizações não governamentais junto dos refugiados, principalmente a CVS-Bulgaria, onde eu tive a oportunidade de fazer o meu estágio. Procurei compreender o modo como a organização interage com os refugiados, seu objetivo e metas, a maneira como lidam com essas pessoas e o que tenta fazer por elas. Por outro lado, analisei as políticas que a União Europeia está a implementar para combater o problema e os seus resultados. Neste seguimento, abordei tudo o que dizia respeito aos refugiados no lugar que estive, Sofia, Bulgária enquanto país de trânsito usado para atravessar para outros países por esses aspirantes de asilo: leis, restrições e problemas inerentes.

Abstract

One of the biggest problems of 21st century has been developing rapidly and with big consequences to all the ones who are affected by it. The Refugee Crisis has been destroying the countries of the middle east and dragging the problem into Europe, where the Refugees seek for a new shelter/ asylum. The war in the middle east has been growing in the last few years with several conflicts in several areas, and numbers have just been higher and higher: number of people leaving their countries, number of people seeking asylum, number of people dying in the seas and on their ways to new countries, number of countries denying entrance, number of protocols being broken etc.

This report is made to try to understand the role of Non Governmental organizations in the subject, mainly CVS-Bulgaria, where I had the opportunity to do my internship. We will try to deduct the way it interacts with refugees, its aim and goals, the way they deal with these people and what they try to do for them/help them with. On the other hand, to analyze the policies that the European Union is providing to fight the problem and its results. Also, everything that concerns the Refugees in the place I am, Sofia Bulgaria, as it is a way of crossing to other countries by these asylum seekers: it 's laws, restrictions and problems attached.

Índice

Introdução	11
1. A instituição de Acolhimento	13
2. Os refugiados e a internacionalização da guerra	15
3. O desenvolvimento recente de uma Política de Migração Comum	21
4. Refugiados na Bulgária: Ponto da Situação	29
4.1. Números	30
4.2- Acesso ao território/ Controlo de fronteiras	33
4.3. Condições de receção nos campos de refugiados	34
4.4. Condições de Vida nos centros de receção	34
4.4.1. Alimentação	35
4.4.2. Pedintes de Asilo com necessidades específicas/ Acesso À Saúde	35
4.4.3. Crianças nos centros SAR (State Agency for Refugees)	36
4.5-Integração dos pedintes de asilo	37
5. “The Refugee Project”	39
6. Relatos de experiência de vidas no campo de refugiados	41
6.1. Entrevista a Katerina Stoyanova (Steering Board Chairperson)	41
6.1.1. A Educação dos Refugiados	42
6.1.2. O funcionamento do Projeto	43
6.2 Entrevista a Bewar Mossa (Refugiado no campo de Ovcha Kupel)	44
6.2.1. O Campo	44
6.2.2. O Futuro	45
7. A “minha” experiência	47
Conclusão	51
Bibliografia:	53
Apêndice 1 - Guião de entrevista a Katerina Stoyanova	57
Apêndice 2 – Guião da Entrevista a Bewar Mossa	58

Introdução

A Crise dos Refugiados da era moderna surgiu com o despoletar de vários conflitos na zona do médio oriente ou no norte africano, principalmente em países com regimes políticos instáveis como a Líbia e a Síria. Países como o Afeganistão e o Paquistão ainda respondem aos pedidos de exílio numa área severamente afetada pelo problema.

Esta instabilidade de movimentos migratórios fez-se sentir bastante também na Europa com problemas como a redistribuição dos migrantes entre Estados membros. Contudo, a crise não se dá apenas na Europa pois, países vizinhos à Síria por exemplo, onde a onda de refugiados é crescente, mantiveram as suas fronteiras abertas facilitando assim o deslocamento dos migrantes.

Todavia, como acima referido, a abertura não tem sido a mesma na Europa e as consequências desta ação torna-se cada vez mais patentes. Especialmente nas zonas limítrofes da União, o problema tem-se sentido de forma mais exagerada, e acaba por ser nestas áreas que a assertividade de políticas e ações comunitárias é requerida.

Os desastres humanitários vistos nestas áreas mais suscetíveis criaram uma onda de alerta pela Europa e Mundo e torna-se então necessário uma resposta coesa e eficaz por parte dos organismos internacionais.

Uma destas áreas acaba por ser o leste europeu: a zona dos Balcãs é a mais afetada, com os Refugiados a escolherem este caminho enquanto rota de fuga especialmente aqueles que provêm dos países mais afetados: Síria e Iraque.

Introduzindo então o impacto da Crise de Refugiados e seus fluxos na área dos Balcãs, pareceu-me desde cedo importante ter oportunidade de analisar esse mesmo impacto no âmbito das Políticas Comunitárias e Cooperação Territorial, qualquer que fosse área em questão, desde que afetada pelo problema. Talvez a melhor forma de cimentar os meus conhecimentos teóricos seria vivenciando por mim mesmo aquela que se tornou a maior Crise de Refugiados desde a 2ª Guerra Mundial, através de algum tipo do voluntariado.

Sendo assim, surgiu a oportunidade de um estágio curricular na Organização CVS-Bulgária, num país afetado principalmente pelo fluxo migratório da Rota Mediterrânica Oriental. Através do contato direto com refugiados instalados em campos de Sófia como metodologia, a ideia do estágio foi fazer uma análise do papel do voluntariado atual e saber em que áreas eu poderei intervir para melhorar, de alguma forma, a vida destas pessoas e a sua situação precária.

A partir desta oportunidade, decidi colocar como título do meu relatório:” *Experiência de Voluntariado numa ONG Internacional: A Crise de Refugiados*” naquela que será uma observação onde tento não só mostrar a conjuntura atual dos fluxos migratórios em geral, as políticas associadas a este, como também evidenciar a importância que o Voluntariado tem dentro desta temática.

Por último, importa referir que este relatório evidenciará não só a pesquisa que completei sobre o tema, mas também os dados recebidos durante a minha experiência. Assim, além da caracterização inicial da instituição que me acolheu, decidi dividir o relatório em duas partes: uma inicial mais teórica que descreve as políticas de migração recentes adotadas dentro da União Europeia devido à crise migratória atual.

Já a 2ª parte tratar-se-á de uma conjuntura entre a minha pesquisa e os dados recolhidos: a distinção dos tipos de proteção que pode ser auferida na Bulgária e um ponto de situação sobre os Refugiados neste país e suas condições de vida. Dentro disso, terei oportunidade de referir o projeto onde me inseri (The Refugee Project) dentro da organização e sua utilidade nos campos, passando aí a explicar o meu trabalho e as responsabilidades inerentes a ele, de forma a concluir este relatório. Por último inclui duas entrevistas realizadas: uma à líder do projeto e da organização e outra entrevista a um Refugiado. Apenas uma pessoa me deu resposta positiva para realizar esta entrevista dentro dos Refugiados, mas que se afigurou exemplar no que diz respeito à sua experiência de vida.

1. A instituição de Acolhimento

CVS - Bulgaria (Cooperation for voluntary service – Bulgaria) foi registada enquanto ONG em 6 de junho de 2002. É uma organização que, apesar de ser apenas denominada de ONG desde 2002, tem sido ativa nos seus projetos desde 1998. Para atingir os seus fins, CVS-Bulgaria trabalha em cooperação com organizações e instituições tanto na Bulgária como no estrangeiro. As principais atividades são organizar intercâmbios voluntários internacionais e também organizar seminários, visitas de estudo e workshops e dando a oportunidade aos jovens de participar em diferentes projetos voluntários de intervenção social. (CVS-Bulgaria)

A CVS – Bulgaria, com sede em Sófia, é uma organização já com algum historial na sua área de intervenção no sentido do voluntariado e da interajuda a refugiados, através de períodos de mobilidade reduzidos, ou extensos. A sua área de intervenção está concentrada em vários domínios e dá oportunidade a jovens de participar em diferentes tipos de projetos nomeadamente nas áreas da cultura, ecologia, arte, trabalho com pessoas necessitadas, refugiados etc. (CVS-Bulgaria)

Estruturalmente, a CVS- Bulgaria é composta por uma Assembleia Geral que se encontra pelo menos uma vez por ano e por um “Steering Group” que se reúne pelo menos 6 vezes ao ano, a cada dois meses. Existem também os membros do staff que podem ou não trabalhar a tempo inteiro coordenando estes as várias áreas e tipos de intercâmbio, sendo o restante trabalho feito pelos voluntários. (CVS–Bulgaria). Tratando-se de uma entidade que proporciona e cria mobilidades, fácil é a resposta a quem se aplica para tal.

Através do Voluntariado que faço junto da Juventude Cruz Vermelha Portuguesa tenho oportunidade de interagir com vários parceiros internacionais que trocam precisamente voluntários. Sendo assim, sob o programa *Erasmus Placement* e pelos conhecimentos e contactos que auferi na Cruz Vermelha foi-me possível encontrar esta organização que me respondeu de imediato sobre o possível estágio voluntário, e assim foi.

Foi acolhido da melhor forma possível o que facilitou desde logo a mobilidade, podendo eu pôr mãos à obra imediatamente e começar o meu trabalho junto dos Refugiados.

2. Os refugiados e a internacionalização da guerra

Na prossecução de jurisdição em relação aos danos do pós 2ª Guerra Mundial, as Convenções de Genebra de 1949 contêm as normas mais relevantes que protegem aqueles que não participam nas hostilidades, ou que deixaram de participar, criando normas que tentam limitar aquelas que são chamadas de infrações graves. (Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 2016).

Em 1951 os refugiados assumiram centralidade, assinalando-se a *Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados*. Define-se o que é um Refugiado, alarga-se o termo a um grande número de pessoas sem discriminação de raça, religião, sexo ou país de origem e adotam-se instrumentos legais relativos ao tratamento dos mesmos. (ACNUR, 2016). Sendo assim, segundo o relatório do ACNUR que identifica o conceito de Refugiado distingue que estes são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Normalmente, estão numa situação tão perigosa que devem cruzar fronteiras para buscar segurança nos países mais próximos. (ACNUR, 2016)

Importante neste contexto é distinguir e comparar a definição de Refugiado com a de Migrante. A principal diferença está no conceito de necessidade. O Migrante escolhe deslocar-se não por motivos alheios de guerra ou por perigo de morte, mas por vontade sua. Contrariando o conceito de Refugiado, que normalmente não retorna ao seu país, o Migrante continua a estar sob proteção do seu governo, que vigora, migrando apenas pela busca de melhores condições de vida. Esta distinção é importante no que toca ao tratamento da pessoa em questão, pelo que confundir os dois conceitos traz, eventualmente, consequências graves para com os Refugiados no momento em que estes padecem de maior carência. Assumindo uma definição legal diferente para cada um daqueles termos, as salvaguardas legais tornam-se desprotegidas quando, ao se misturarem os dois critérios, se destrói o apoio público aos que mais necessitam.

Recentemente, particularmente a partir de 2012, o fluxo destas pessoas tem-se tornado cada vez maior com um crescendo substancial em comparação com os anos anteriores. Estas pessoas provêm de áreas afetadas pela destruição de guerras e conflitos no médio oriente.

Segundo o ACNUR, no Mundo inteiro, 1 em cada 113 pessoas é solicitante de refúgio, deslocada interna ou refugiada. É apontado que, até ao final de 2015, existiu um total de 65,3 milhões de pessoas deslocadas devido a guerras e conflitos. A sua proveniência é predominantemente de países como a Síria (com 4,9 milhões de refugiados), o Afeganistão (com

2,7 milhões) e a Somália (com 1,1 milhão), que totalizam mais da metade dos refugiados contabilizados esse ano. (ACNUR, 2016).

De facto, entender esta pós-moderna crise de migração/refugiados está intrinsecamente ligado a entender a Guerra na Síria, de onde maioria das pessoas provém. Internacionalmente, o conflito tomou já uma escala global, onde a afetação de políticas é substancial.

Inspirada por acontecimentos internos e pela Primavera Árabe que havia afetado já outros Estados árabes, a população síria foi-se revoltando cada vez mais na procura de maior Liberdade e contra atos repressivos do Governo de Bashar-Al-Assad. Estes atos intensificaram-se após as demonstrações recorrentes da população. Grupos rebeldes pegam nas armas para enfrentar as forças de segurança e o conflito passa a ter escala e afetação interna, numa batalha que opõe apoiantes de Assad (forças do regime, milícias e exército) e os que não o apoiam. Aqui, neste sentido, tem havido novidades e dificuldades dentro duma oposição cada vez mais dividida e mais longe do seu objetivo: derrotar o governo de Assad. (BBC, 2016)

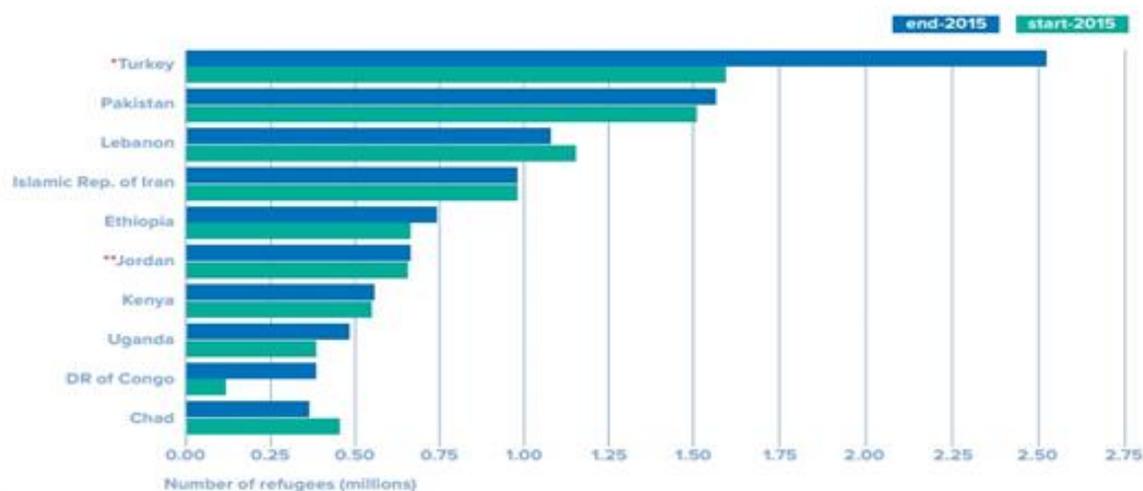
Divididos em grupos rivais, os rebeldes de maioria islamita e a Frente al-Nosra (braço oficial da Al-Qaeda na região) combatem o Estado Islâmico alegando que este, através das suas brutais formas de repressão ascende unicamente à sua hegemonia. O EI, no entanto, criou uma rebelião dentro dela mesma combatendo tanto a Frente al-Nosra como os opositores mais moderados. (BBC, 2016)

Combate, o Estado Islâmico, também o exército curdo que é apoiado pelos Estados Unidos. Assim, redimensiona-se o conflito para uma escala global. Os Estados Unidos culpam Assad pelas atrocidades vistas no conflito, porém a Rússia apoia a permanência do Governo de Damasco. O Irão, por sua vez, é o aliado mais próximo da Síria e notoriamente o seu maior apoiante prático fornecendo armamento, providenciando assessores militares e desembolsando milhões. Contra este está a Arábia Saudita que tem enviado o seu apoio aos rebeldes, inclusive os radicais. (BBC, 2016)

A notória intervenção das potências internacionais torna-se num fator chave no que toca à longa duração da guerra e na sua amplitude humanitária. O dependente apoio militar para com estas nações tem contribuído para a intensificação da guerra, transformando a Síria num campo de batalha indireto. Até Fevereiro de 2016 mais 5 milhões de pessoas haviam saído do país colocando pressão nos países vizinhos. (BBC, 2016)

Entre os países recetores destas pessoas, destaca-se a Turquia (2,5 milhões), seguida do Paquistão (1,6 milhões), Líbano (1,1milhão), Irão (980 mil), Etiópia (736 mil), Jordânia (664 mil). (Ver Figura 1).

Figura 1. Países recetores de Refugiados



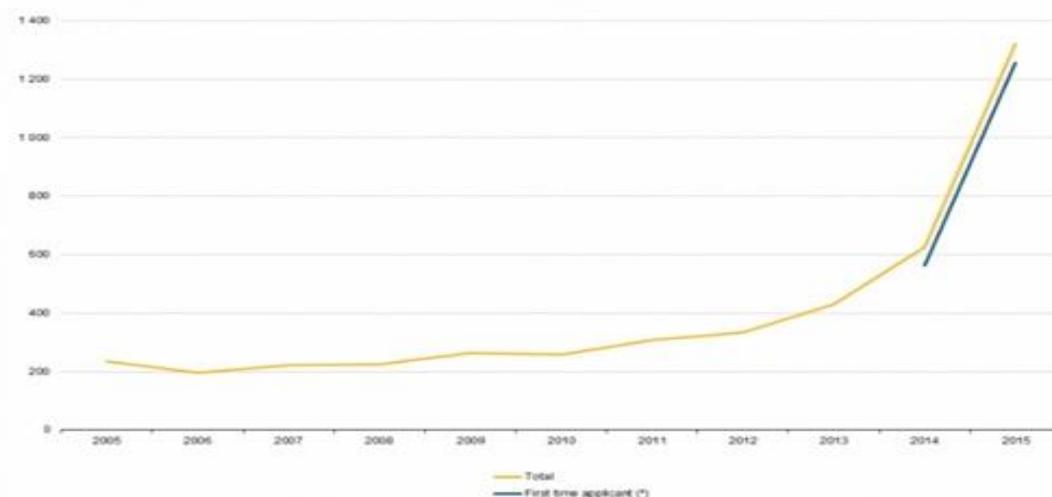
* Refugee figure for Syrians in Turkey is a Government estimate.

** Includes 33,300 Iraqi refugees registered with UNHCR in Jordan. The Government estimates the number of Iraqis at 400,000 individuals at the end of March 2015. This includes refugees and other categories of Iraqis.

Fonte: http://www.unhcr.org/576408cd7#_ga=1.252146767.753691729.14843863377 ; acedido a 16/02/2017

Consequentemente o número de pedidos de asilo dentro da EU 28 aumentou vertiginosamente (ver figura 2). 3,2 milhões de pedidos à espera de resposta e 2 milhões de novos pedidos. A Alemanha é o país com maior número de pedidos, seguida dos Estados Unidos e da Rússia. (ACNUR, 2016).

Figura 2. Pedidos de Asilo



Retirado de: [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Asylum_applications_\(non-EU\)_in_the_EU-28_Member_States,_2005-15_\(%C2%B9\)_in_thousands_YB16.png](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Asylum_applications_(non-EU)_in_the_EU-28_Member_States,_2005-15_(%C2%B9)_in_thousands_YB16.png); acessado a 17/02/2017

O conflito na Síria tem sido o maior motivador desta onda migratória, porém a violência constante no Afeganistão ou a pobreza do Kosovo são também consideradas causas. Assim, o êxodo de refugiados criou vários fluxos que se podem agrupar em rotas que estes usam ao escapar dos seus Estados, rotas essas que têm sofrido uma evolução e transformação notórias durante os últimos anos. (BBC, 2016)

Com efeito, recentemente, as imagens de embarcações e de morte nos mares do mediterrâneo parecem ser menores do que em anos anteriores. A agência FRONTEX- Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas e distingue várias rotas, 8 no total, e denota as suas transformações ao longo de anos recentes, bem como as tendências de deslocalização. (ver figura 3).

Figura 3. Rotas de Migração



Retirado de: <http://frontex.europa.eu/trends-and-routes/migratory-routes-map/>; acessido a 17/02/2017

A rota mediterrânica oriental parece ter sido a que mais prosperou, tendo já desde 2008, contabilizado cerca de 40% do total de Refugiados chegados à Europa. (FRONTEX, 2016).

De facto, e principalmente através das ilhas gregas como Lesbos, os cerca de 885 mil refugiados em 2015 pareceram preferir esta rota entre outras, muitos deles por na verdade não terem outra opção, um número que é 17 vezes superior ao do ano anterior. Grande maioria dos migrantes são sírios, afegãos e somalis e procuram o Norte, deixando a Grécia através da Macedónia. Ainda pela Grécia outros preferem a fronteira terrestre, ou então entram pela Turquia dirigindo-se diretamente para o Sul da Bulgária. (FRONTEX, 2016).

Os fluxos deslocam-se cada vez mais neste sentido e podemos considerar que dentro da Rota Mediterrânica Oriental foram estabelecidas duas rotas principais partindo da Turquia, o país com maior número de refugiados. A "rota norte" segue pela Bulgária e Roménia com destino à Europa do Norte. A "rota sul" passa pela Grécia, em direção a França, Espanha e Itália. (VOXEUROP, 2016).

3.0 desenvolvimento recente de uma Política de Migração Comum

Os Estados europeus conciliam o estabelecimento de uma política de migração comum, melhorando a integração através do reforço de relações com os países de onde provêm estas pessoas. Para tornar a migração eficaz, a União Europeia cria parcerias não só com os países de origem como também com os países onde transitam os Refugiados. (Comissão Europeia, 2016)

Assim, a EU transmite o esforço de equilibrar três pilares fundamentais:

- Promover a Mobilidade: ao mesmo tenta, com os países de origem, evitar a fuga de pessoal altamente qualificado
- Garantir a Aplicação de Normas Coerentes: de modo a que a ideia da abordagem global à migração esteja patente e refletida nas políticas e iniciativas, inclusive nas relações externas.
- Promover a migração legal prevenindo ou evitando a migração irregular. (Comissão Europeia, 2016)

É importante referir primariamente o papel da **Organização Mundial das Migrações (OMI)** neste contexto. A OMI nasceu em 1951 com o intuito de regular os fluxos migratórios provenientes do conflito da 2ª Guerra Mundial. A sua missão foi a de ajudar os governos a restabelecer os 11 milhões sobreviventes afetados pela guerra. (Organização Mundial das Migrações, 2016)

Vários desastres passaram já pelo centro das atenções da OMI, bem como os fluxos migratórios associados a estes: Hungria 1956, República Checa 1968, Chile 1973, Kosovo e Timor 1999, Ásia e Paquistão 2004 (após o tsunami e o terramoto sucessivamente). (Organização Mundial das Migrações, 2016)

Desde o seu objetivo inicial como uma espécie de agência logística, a OMI reforçou/expandiu o seu papel para se tornar a principal agência internacional a trabalhar em conjunto com governos e sociedade de modo a potenciar o entendimento dos problemas associados às migrações. (Organização Mundial das Migrações, 2016)

O espectro abrangente das atividades da OMI está associado também à crescente expansão de uma agência inicialmente pequena, para uma agência de grande porte, com um orçamento anual de 1.4 mil milhões e cerca de 9000 trabalhadores espalhados por 150 países. De momento, a agência tem 165 estados-membros. (Organização Mundial das Migrações, 2016).

Assim, os números revelados pela OMI demonstram nos últimos anos flutuações que revelam um aumento do número total de migrantes e da mobilidade territorial da população mundial. Apesar das mobilidades em grande escala não serem um fenómeno recente, é impossível comparar as causas das recentes migrações com as razões das migrações de tempos passados. (Pais, Morgado, 2016)

Embora a maioria dos fluxos migratórios continua a ser registada no hemisfério sul, nas últimas décadas, e principalmente nos anos recentes, têm se registado uma inflexão dos fluxos para a Europa: sendo assim a União Europeia passa a acolher mais do que aquilo que exporta. Neste contexto, a União Europeia tornou-se um objetivo na concretização de ideais por parte das populações de países terceiros. (Pais, Morgado, 2016)

A escassez de mão de obra qualificada, a crise demográfica, o desequilíbrio entre o volume de pedidos de asilo e a sua aceitação, o fluxo de imigrantes ilegais, e os problemas associados à integração destes imigrantes criam conjunturas complexas de gerir para a UE. (Rita Pais, Mariana Morgado, 2016)

Sendo assim, a nível europeu onde o enfoque deste relatório está circunscrito, vários programas e políticas têm sido desenvolvidos ao longo dos anos na esperança de se criar, em última instância, um **Sistema Europeu Comum de Asilo**.

A preocupação europeia com a Imigração, principalmente com a Imigração ilegal começou na década de 90, associada a preocupações dentro da esfera da Segurança Interna. (Rita Pais, Mariana Morgado 2016)

Com o **Tratado de Maastricht** em 1992, iniciou-se uma tentativa de quadro institucional dentro da União para com a Imigração e Asilo, assente numa órbita intergovernamental. Foi aqui que podemos dizer que se iniciaram as políticas europeias voltadas para a temática em questão. Seguidamente com o **Tratado de Amsterdão** em 1999 houve uma tentativa de atribuição à União de um objetivo político, com o desenvolver de um espaço de Liberdade, Segurança e Justiça comuns. Aqui, são transferidas para as instituições europeias as competências legislativas no âmbito da Imigração, asilo, e transposição de fronteiras. (Rita Pais, Mariana Morgado, 2016)

Contudo, é com o **Conselho Europeu de Tampere** em 1999, que se acorda uma primeira estratégia/metodologia política para a criação de uma política comum de Imigração e Asilo. Assente numa abordagem global, a ideia é o equilíbrio entre migrações económica e humanitária

com uma gestão construída com base em parcerias entre países recetores e de origem. (Rita Pais, Mariana Morgado, 2016)

Seguidamente, é no **Programa de Haia** de 2005 (em vigor até 2010), que são definidas as prioridades em matéria de Liberdade, Segurança e Justiça dando-se primazia ao combate ao terrorismo ao mesmo tempo que se dá importância à matéria relacionada com Imigração e Asilo. Este programa contém medidas chave para uma estratégia europeia que integre imigrantes na sociedade; enquadramentos legais para expulsar os imigrantes ilegais; e um maior esforço para criar uma política comum de integração entre os países de origem, trânsito e chegada. O conceito de *Migration Management* surge, com o fim de potenciar o impacto positivo nas sociedades e economias. (Rita Pais, Mariana Morgado, 2016)

Precedendo o Conselho Europeu de Tampere e o Programa de Haia, foi adotado em 2009 o **Programa de Estocolmo**, mais uma vez, no quadro da continuação do desenvolvimento da União enquanto espaço de Liberdade, Segurança e Justiça.

O Programa estratégico definiu as linhas principais e as medidas a adotar entre 2010-2014 na tentativa de construir uma Europa solidária e responsável através de uma “política de migração dinâmica e global”. Fundamentalmente este documento dita seis pilares que assentam nos domínios atrás referidos: Direitos Fundamentais e Cidadania; Justiça Civil e Penal; Segurança Interna; Fronteiras e Vistos; Imigração e Asilo; Dimensão Externa. (Direção Geral de Administração Interna, 2016)

Dentro da “Imigração e Asilo”, as regras e metodologia assentam nos princípios de Solidariedade e Responsabilidade com as ações a estarem centradas nos interesses dos cidadãos. Este programa denota as condições de receção dos imigrantes/refugiados e requerentes de asilo e a luta contra a discriminação de todos os tipos.

O Programa defende, inicialmente, uma Europa de Direitos onde confere aos cidadãos as liberdades estabelecidas. Esta liberdade deverá ser considerada tanto dentro da União como fora, com a premissa de que a privacidade é respeitada. A Europa deve ser um espaço no qual se pode exercer o livre direito à circulação, onde as minorias e a diversidade são respeitadas e onde todos podem ter o acesso à participação na vida democrática. (EUR-LEX, 2016)

Posteriormente o programa aconselha uma estratégia de segurança interna dentro da União, na defesa duma Europa que Protege. A metodologia tem em vista o uso duma estratégia

que permite a cooperação judiciária em matéria penal e a gestão de fronteiras, passando por uma estratégia dinâmica com responsabilidades bem definidas tanto para os Estados que compõem a União com os que não a compõem. A segurança interna está associada à segurança externa e é necessário também cooperação reforçada com os que não fazem parte da União, principalmente os países vizinhos. (EUR-LEX, 2016)

Uma Europa acessível é também um dos termos deste Programa, na persecução de um acesso legal á Europa eficiente para nacionais não europeus, protegendo ao mesmo tempo os europeus. A criminalidade transfronteiriça e a migração ilegal deverão ser evitadas através de controlos fronteiriços fortes com o aprofundamento das capacidades da agência FRONTEX, a Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas. (EUR-LEX, 2016)

No decorrer de legislação e relação à Migração em geral é importante destacar de seguida o **Pacto Europeu Sobre Emigração e Asilo**, devendo este por si só ser a base das políticas para a imigração e asilo da EU, numa parceria renovada com outros países. A diferenciação está substancialmente na tentativa de colmatar as falácias de outras tentativas de jurisdição, os Programas de Tampere, Haia e Estocolmo, seus precedentes. (EUR-LEX, 2016)

O Pacto tenta, na sua versatilidade, considerar as necessidades e prioridades dos países bem como as suas capacidades de receção destes, controlando a imigração ilegal e por outro lado incentivando o trânsito de migrantes e também o regresso aos países de origem. Ascende a um maior controlo fronteiriço, mais eficaz, e numa última vertente tenta aumentar as sinergias com os não pertencentes à EU, para um maior desenvolvimento a longo prazo. (EUR-LEX, 2016)

Contempla acima de tudo a Igualdade num sistema aberto e justo, a nível da gestão de fronteiras, por exemplo, com a criação do EUROSUR- *Sistema de vigilância de Fronteiras*, para prevenir criminalidades transfronteiriças.

Adotou também instrumentos jurídicos. A *Diretiva de Autorização única* cria condições de entrada com um procedimento único de autorização de residência para os não pertencentes à EU que lhes concede um conjunto direitos em comparação com os trabalhadores nacionais, direitos esse que são iguais. Permite-lhes, enfim, o direito de circular, residir, trabalhar livremente dentro do espaço europeu bem como as mesmas condições que os nacionais nas condições de trabalho, acesso a bens e serviços, ensino e formação.

Com efeito, o pacto compromete-se a:

1- “Organizar a imigração legal tendo em conta as prioridades, as necessidades e as capacidades de acolhimento determinadas por cada Estado- Membro”: importando a vontade mútua de acolher/ser acolhido e devendo os países recetores decidir as condições de admissão de migrantes legais no seu território fixando um respetivo número, se for o caso;

2- “Lutar contra a imigração ilegal, nomeadamente assegurando o retorno de estrangeiros em situação irregular ao seu país ou a um país de trânsito”;

3- “Reforçar a eficácia dos controlos nas fronteiras”:

a) invocando o espírito de coresponsabilidade partilhada, quando os Estados com maior afluxo de migrantes necessitam de meios terrestres, marítimos, aéreos que provêm de outros Estados.

b) Dotando a agência FRONTEX de todos os meios que lhe permitam exercer plenamente a sua missão de coordenação no controlo da fronteira externa da EU. Perante as avaliações desta agência, podem ser criados gabinetes especializados que respondam à diversidade das situações, em particular nas fronteiras terrestres de Leste e marítimas do Sul.

4- “Edificar uma Europa de Asilo”: tendo em vista o longo termo numa Europa que é convidativa e atrativa para os migrantes também externos. Reforçando por exemplo a cooperação com outros órgãos internacionais como o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (EUR-LEX, 2016)

De facto, podemos considerar como o pilar deste documento a antecedente, mas agora renovada: **Abordagem Global para a Migração e Mobilidade**, um documento que se apresenta como uma dimensão externa da política da EU para as migrações e incide no diálogo bilateral entre países de origem, trânsito e destino. Esta abordagem procura um enquadramento político/jurídico na temática que seja mais claro e inclui quatro pilares: a imigração legal / mobilidade, a imigração ilegal/tráfico de seres humanos, a proteção internacional / política de asilo, e a maximização do impacto da migração e da mobilidade sobre o desenvolvimento. (Parlamento Europeu, 2016).

Através do reforço do diálogo e da cooperação operacional no que toca às Migrações, a EU coloca aqui um maior incentivo à sustentabilidade para o futuro relacionando este incentivo

com uma variada e organizada política de vistos, para as mais diversas pessoas. (Comissão Europeia, 2016)

Ascende a ser uma política mais integrada, correspondendo melhor aos objetivos a longo prazo, como a Estratégia 2020, adicionando a dimensão externa da política de asilo aos quadros políticos e objetivos anteriores. Identificar os interesses dos Estados Membros é, em última instância, intensificar a cooperação. (Comissão Europeia)

Propôs, na sua ação, dois atos:

-Criação de Parcerias para Mobilidade, desde logo para a sua vizinhança imediata como Egípto, Tunísia e Marrocos criando medidas eficazes que incentivam uma melhor abordagem à Migração legal e ilegal. Alastrou esses acordos já a países como Moldávia, Geórgia e Marrocos.

-Criação de acordos de facilitação de vistos/readmissão: tentado potenciar ou maximizar os benefícios da Migração em termos de desenvolvimento integrado.

Através de um maior envolvimento dos Estados, entre o período de 2012/2013 a Comissão conseguiu apoiar mais de 90 projetos relacionados com as Migrações, com o apoio de maiores recursos financeiros.

Em seguida, e já mais recentemente, o Conselho Europeu definiu as orientações estratégicas para o período 2014-2020, sendo que aqui, não se trata de um Programa mas sim de orientações que se centram no objetivo de consolidar e aplicar os quadros jurídicos já existentes, que se tornaram necessários de aplicar após a intensificação das tragédias ocorridas no Mediterrâneo. Sendo assim, é apresentado um plano de ação de 10 pontos e mais tarde votada uma resolução no Parlamento que se dá pelo nome de **Agenda Europeia de Migração**, em 2015. (Parlamento Europeu, 2016)

Aqui, oferecem-se orientações e longo prazo em várias diretrizes, assentes na Aplicação de um **Sistema Europeu Comum de Asilo (SECA)** este que evidentemente vem desde o início, passo a passo, sendo descrito.

A vontade aqui, torna-se, de posicionar a Imigração no centro das prioridades. A *Agenda* propôs medidas a serem tomadas de imediato para responder às recentes crises do Mediterrâneo, e ideias a seguir nos próximos anos para intensificação e desenvolvimento desse sistema comum

de asilo, com vista a melhorar os fluxos migratórios em todas as suas vertentes. (Parlamento Europeu, 2016)

São oferecidas, por outro lado, orientações que incluem a revisão do **Regulamento de Dublin** de 1990, este que por si só, em suma, já procura agilizar o processo de asilo político. A intenção deste Regulamento é esclarecer qual o estado membro que deve abrigar o refugiado, aquando do pedido deste. Ora, este Regulamento porém não cobre ou assegura o não aparecimento de atos de “empurra para lá” de Estados entre Estados que se tem intensificado com a nova crise migratória, tornando-se assim arcaico.

Por essa razão deve ser reformulado segundo os objetivos de **Agenda**, que denota também que o mesmo está assente no princípio de que o primeiro país onde chega o refugiado, é exatamente onde ele fica registado. Consequentemente é também o local para onde este é deportado posteriormente, em caso de necessidade. (EURONEWS, 2016)

Para o efeito a referir o sistema EURODAC, que através de impressões digitais e sua comparação, permite a identificação dos pedintes de asilo e logo saber se este encontra ilegalmente em território da União. (EURONEWS, 2016)

O que está a acontecer é que os Refugiados têm na generalidade medo de serem registados nos países considerados de trânsito. A maioria das pessoas que não têm laços familiares nos países de destino (um dos critérios do Regulamento de Dublin), temem ser recambiadas de volta para o país de trânsito, onde ficaram registadas, o que por fim coloca enorme pressão nos países vizinhos, e limítrofes. Isto torna o Regulamento não só necessário como por outro lado como arcaico, no sentido em que existem países que pararam de registar os migrantes porque já não têm recursos para tal. (EURONEWS, 2016)

Sendo assim, para responder às emergências recentes, a Comissão triplicou os recursos disponíveis nos anos de 2015 e 2016 para as missões/operações conjuntas de Triton e Poseidon da agência FRONTEX, por via de um orçamento retificativo. (Parlamento Europeu, 2016). Assim que executado, este orçamento alarga as capacidades da FRONTEX, permitindo-lhe uma maior abrangência geográfica e dar resposta à sua dupla função: coordenar o apoio operacional fronteiriço dos Estados Membros e ajudar a salvar vida no mar. (Comissão Europeia, 2016)

Propõe-se então, a **Agenda**, através dos conceitos de Reinstalação e Relocalização, procurar dar resposta aos fluxos. A Relocalização inclui um sistema de distribuição temporária de

peessoas pelos Estados através de critérios como o PIB, nº de habitantes ou taxa de desemprego. A Reinstalação no sentido em que posteriormente à Relocalização, o indivíduo é devidamente protegido e apoiado, em caso de carência destes. (Comissão Europeia, 2016)

Aqui, tendo em conta estes conceitos, A UE tenta não só responder às emergências como a situações do futuro. São medidas que visam o longo prazo, permitindo a partilha de responsabilidade aquando de grandes fluxos migratórios. Tenta-se neste contexto fortalecer e potenciar as ações do **Sistema Europeu Comum de Asilo (SECA)**.

4. Refugiados na Bulgária: Ponto da Situação

De acordo com a “Lei de Asilo e dos Refugiados”, existem 4 tipos de proteção especial providenciada na Bulgária: Asilo, Refugiado, Estatuto Humanitário, Proteção temporária.

Asilo é a proteção garantida pelo Presidente da república àqueles que são perseguidos pelas suas convicções ou apelo a direitos e liberdades internacionais;

Refugiado é o estatuto providenciado pelo diretor do SAR (State Agency For Refugees) a um estrangeiro que tem razões justificadas por medo de perseguição devido à sua raça, religião, nacionalidade, fazer parte de um grupo político específico ou convicção.

Estatuto Humanitário vai mais além, podendo ser concedido quando alguém é forçado a sair do seu país por ameaças à vida, segurança, liberdade resultantes de violência ascendente, conflitos armados. Pode também ser concedido de acordo com os termos estipulados na lei búlgara, ou de acordo com a lei internacional providenciada pelo comité executivo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

Proteção temporária é garantida pelo Conselho de Ministros para um período específico, provocado por um enorme fluxo de migrantes vindos de locais assolados pelo conflito, guerra civil, violação dos Direitos Humanos, que impede os detentores desta proteção de lá retornarem.

Os estrangeiros na Bulgária que receberam estatuto humanitário bem como de Refugiado têm as mesmas obrigações e direitos. Quer isto dizer que são considerados como cidadãos nacionais à parte de: direito de voto em eleições nacionais e regionais, ser membro de partido político ou ser membro das forças armadas. Quanto aos direitos, tem por exemplo direito a pedir a reunificação da sua família dentro de território búlgaro que lhes é concedida pelo diretor do SAR. Tanto os detentores de estatuto de Refugiado bem como o Humanitário têm direito a um Cartão de Identidade, elaborado consoante a Convenção de 1951 sobre o estatuto dos Refugiados e a Lei Búlgara de Documentos de Identidade.

Quanto aos estrangeiros com Proteção temporária, estes têm direito a residir no país durante a total duração em que a proteção lhes é dada, documento de identidade, comida, teto, roupa, trabalho, acesso a serviços de saúde. (AREF)

Recentemente, a Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), relatou observações e considerações sobre as atuais condições de vida e de receção sobre aqueles que procuram asilo na Bulgária. Foram notadas deficiências no procedimento/condições de asilo e

recepção, que tem vindo a piorar visto que os números de aplicantes têm subido exponencialmente, sendo que o ACNUR denotou as áreas e os melhoramentos urgentes que são necessários.

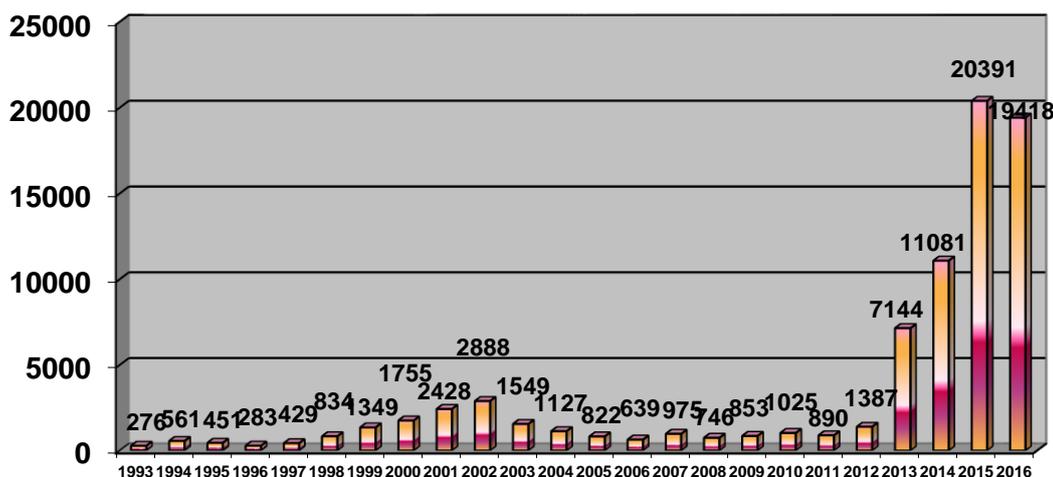
Apesar das melhorias nas condições de recepção serem notórias pelas autoridades búlgaras, falhas sérias e determinantes ainda permanecem no seu sistema de asilo e estão ainda patentes, as quais são identificadas neste subtema do relatório.

A sustentabilidade a médio longo prazo do sistema é posta em causa, sendo que aqui são identificadas as áreas desprovidas de melhorias nas quais às autoridades búlgaras é recomendada uma ação sustentável para assegurar conformidade com os requisitos e padrões europeus (ACNUR, 2016).

4.1. Números

Em 2016, aproximadamente 19418 pessoas pediram proteção internacional na Bulgária como fuga da situação precária nos seus países de origem. Um aumento considerável considerando os 1387 pedidos em 2012 (ver figura 4).

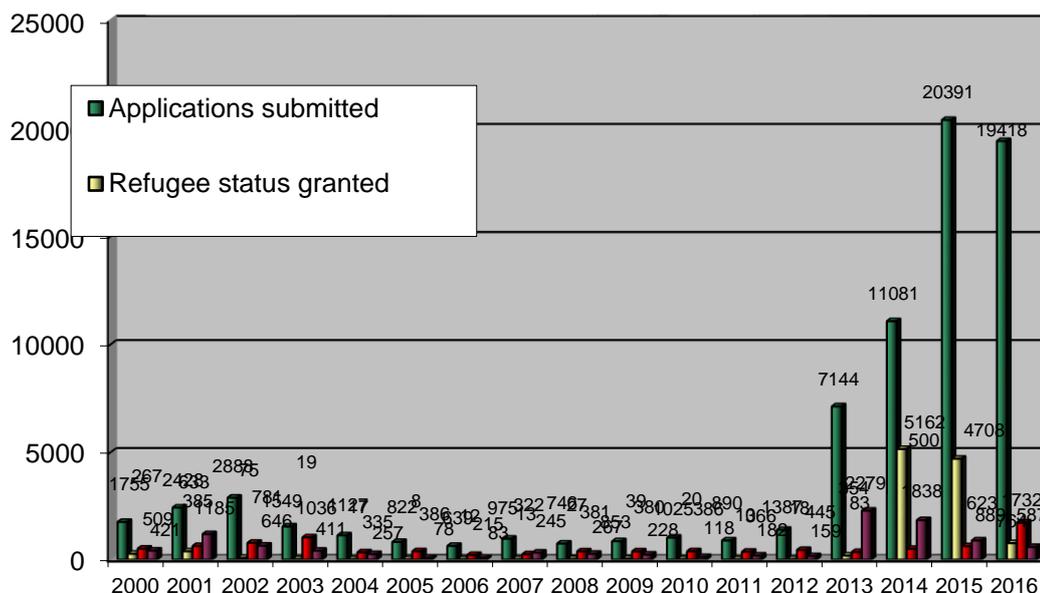
Figura 4. Pedidos de Proteção Internacional



Retirado de: (<http://www.aref.government.bg/?cat=21>) acessado a 17/02/2017

No mesmo ano, apenas 764 dos pedidos obtiveram resposta positiva sendo garantido o estatuto de refugiado sendo que os restantes pedidos ficaram sem resposta, o que denota desde logo, falhas num sistema que se pode considerar obsoleto. (ver figura 5).

Figura 5. Pedidos de Proteção Internacional Garantidos

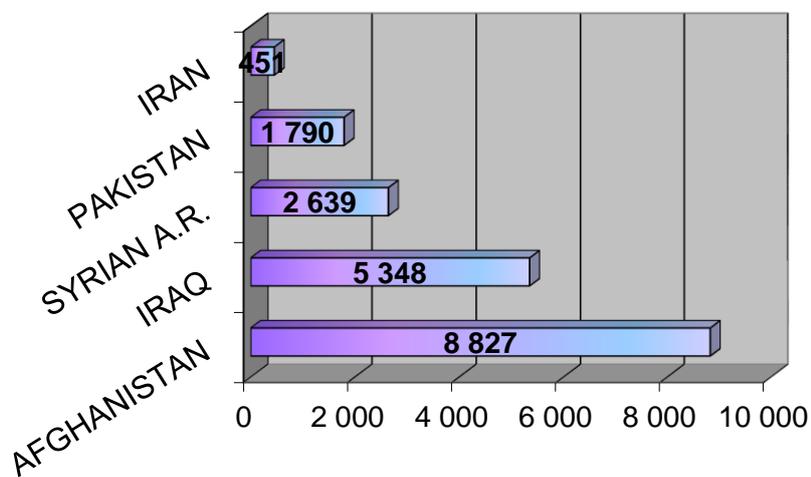


Retirado de: <http://www.aref.government.bg/?cat=21> ; acedido a 17/02/2017

A origem destes refugiados é ordenadamente a seguinte: Afeganistão (8827); Iraque (5348); Síria (2639); Paquistão (1790) e Irão (451), principalmente.

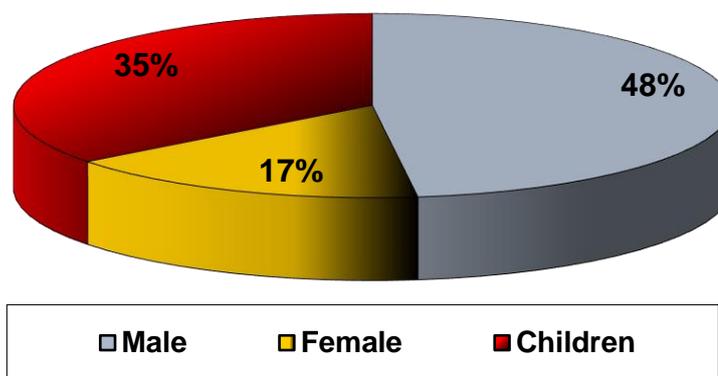
. Dividindo esta população por género: 48% do total são homens, 17% são mulheres e 35% são crianças. (ver figura 7).

Figura 6. Origem dos Refugiados



Retirado de: <http://www.aref.government.bg/?cat=21>; acessado a 17/02/2017

Figura 7. Divisão da População de Refugiados por gênero



Retirado de: <http://www.aref.government.bg/?cat=21> acessado a 18/02/2017

O ACNUR tem feito o esforço para providenciar equipamento técnico que permite uma análise mais pormenorizada dos números/ estatísticas referentes aos que procuram asilo/ beneficiários de proteção internacional. Em conjunto com o EASO (Gabinete Europeu em Matéria de Asilo) e a Agência Estatal Búlgara para os Refugiados, a tentativa de recolha de informações mais pormenorizadas e concretas tem dado frutos na medida em que se potencia a capacidade de análise destas informações.

Deve ser referido que o número de pedidos de asilo na Bulgária começou a aumentar exponencialmente a partir de 2012, sendo que em 2014 por exemplo, cerca de 1500 polícias foram chamados a intervir no controlo de fronteiras (principalmente com a Turquia). Consequentemente, o número de chegadas por essa mesma via diminui consideravelmente (ACNUR, 2016).

4.2- Acesso ao território/ Controlo de fronteiras

Olhando os dados de 2014, 376 pessoas foram notadas pela sua entrada irregular no território, devido a posse de documentos falsos, entre outras razões.

Ao ACNUR está inerente uma preocupação séria no que toca às medidas de controlo de entradas ilegais no país, bem como a preocupação sobre relatórios que referem que indivíduos que necessitam de proteção internacional estão a ser recambiados de volta para os seus países. Estas pessoas estão a ser proibidas de entrar em território búlgaro, sem ter a oportunidade de aplicarem para proteção internacional. Em alguns casos estas ações resultam na separação de famílias inteiras.

A Agência FRONTEX providencia apoio na interpretação de serviços para com a Polícia na Fronteira nos locais de avaliação, normalmente nas fronteiras. Para mais, devido ao aumento de novas chegadas, a Polícia de Fronteira tem contado com o apoio de outros meios profissionais de interpretação: a Comissão de Helsínquia da Bulgária (Organização independente não-governamental para proteção dos direitos humanos) dá aconselhamento aos pedintes de asilo na fronteira, fazendo-o nas várias línguas presentes nestas situações. Segundo a lei búlgara, a polícia de fronteira tem a capacidade de deter pessoas baseada na sua entrada irregular, ou falta de documentos válidos.

O ACNUR, contando com o apoio da Comissão de Helsínquia da Bulgária e da Cruz Vermelha Búlgara, oferece a estes migrantes o aconselhamento legal perante a sua situação ilegal com a ajuda de intérpretes. (ACNUR, 2016)

4.3. Condições de receção nos campos de refugiados

Em 2014, a capacidade dos centros geridos pelo SAR (State Agency for Refugees) oferecia um número total de 4150 lugares vagos com uma ocupação de cerca de 90 %. Até ao final de 2015 era esperada uma capacidade de cerca de 6000 lugares vagos distribuídos pelos 3 campos de refugiados de Sófia: Vrajdebna, Ovcha Kuppel e Voenna Rampa.

Aos pedintes de asilo é expectável que deixem os abrigos num prazo de 15 após receberem uma resposta aos seus pedidos para ingressarem para outros países.

Contudo, na prática, o SAR tolerou muitos dos refugiados por, na verdade, estes não terem condições e recursos para alugar acomodação, na falta de assistência social, especialmente nos meses de Inverno.

Para conseguir dar resposta aos números, o SAR contratou desde Dezembro de 2013 mais de 160 membros de staff adicionais. De acordo com o governo da Bulgária, estes novos membros têm, maioritariamente, o cargo de registarem as novas chegadas, ou de serem assistentes sociais. A vasta maioria dos recém chegados membros do staff recebem treinamento e suporte para conseguir lidar com as tarefas que lhes são propostas e os encargos que têm (ACNUR, 2016).

4.4. Condições de Vida nos centros de receção

As condições verificadas nos campos têm melhorado significativamente, porém o trabalho a fazer é ainda considerável.

Os pedintes de asilo têm acesso a assistência médica básica, serviços de tradução e interpretação e instalações separadas de acordo com o sexo. Normalmente nestes centros, os solteiros sem familiares permanecem nos pisos inferiores e as famílias nos pisos superiores.

De qualquer das formas, e como já referido, as condições têm um potencial de melhoramento significativas. Ao ACNUR está inerente esta preocupação sobre as condições sanitárias presentes nos campos que são extremamente limitadas. A sobrelotação dos campos faz

com que o número de casas-de-banho por exemplo seja insuficiente, bem como o acesso a água quente (que é quase nulo), e as condições dos esgotos que sofrem bloqueios frequentes.

Para mais, muitas das vezes mais do que uma família tem de dividir o quarto nestes centros resultando num espaço vital inapropriado para cada pessoa. Por vezes apenas lençóis separam estas famílias, que permanecem no campo maioria do tempo. Na ala dos solteiros é onde problema é mais visível, por vezes com 10 pessoas numa acomodação que apenas pode comportar entre 4-5 pessoas.

Os refugiados têm também acesso às extremamente importantes normas e regulamentos dos campos, nas várias línguas, bem como acesso aos serviços providenciados pelas organizações de ajuda. Contudo, nunca é suficiente a presença escrita destas normas e esforços são feitos para tentar verbalizar/explicar os conteúdos destas regras e documentos (ACNUR, 2016).

4.4.1. Alimentação

Neste campo, em anos anteriores o ACNUR era responsável pela distribuição de alimentação nos campos, responsabilidade essa que passou a ser dos SAR, a partir de 2014.

Resumidamente, os residentes têm acesso a duas refeições por dia: um copo de sopa e 3 fatias de pão, segundo aquilo que a minha experiência me relata. Ora cozinhas comuns, onde os pedintes de asilo podem preparar a sua própria alimentação, estão planeadas já há muito, desde 2014, porém nunca foram construídas. Comida e dieta para os mais pequenos, incluído bebés, são oferecidas através de doações de outras organizações não governamentais que as recolhem através de eventos caridade.

A alimentação torna-se um dos maiores problemas destes centros, sendo visivelmente insuficiente, e é correntemente um dos maiores temas de discórdia entre os refugiados e os centros. A comida é suficiente para todos, mas mais uma vez devido à sobrelotação as porções têm de ser racionadas por um maior número de pessoas (ACNUR, 2016).

4.4.2. Pedintes de Asilo com necessidades específicas/ Acesso À Saúde

O ACNUR preocupa-se com a identificação, ou falta dela, de residentes com necessidades especiais, tentando implementar um sistema que possa responder a estas necessidades assim que notadas.

O SAR providencia um questionário usado pelos staffs dos campos assim que os refugiados chegam aos locais, porém nem sempre estes questionários são utilizados. Quando são, a maioria das vezes não há capacidade de resposta por parte dos campos/ agências/ organizações para estas necessidades especiais.

A Hepatite B, a Sida ou pragas de piolhos, entre outras doenças, são comuns nestes centros e a resposta médica a estes problemas depende sempre dos recursos disponíveis que são extremamente limitados.

A informação a reter é que o SAR recruta, em conjunto com o MSF (Médicos sem Fronteiras) médicos e enfermeiros que semanalmente estão presentes nos campos para assistência médica.

Como resultado de um projeto conjunto denominado “*Response to Vulnerability in Asylum*”, em 2013, entre o ACNUR que liderou e o FER (Fundo Europeu para os Refugiados) que financiou, foi possível implementar procedimentos que facilitam a melhor identificação e também respostas mais apropriadas (ACNUR, 2016).

4.4.3. Crianças nos centros SAR (State Agency for Refugees)

Os campos têm melhorado nesta área, com o estabelecimento de espaços para tal fim, nos 3 campos, no entanto na acomodação, não há um espaço específico para as mais de 100 menores não acompanhados.

Além da falta de espaço não existe também um guardião/representante específico dos seus interesses. Os assistentes sociais detêm um papel limitado, baseado no momento da entrevista para proteção social nacional/proteção internacional. Na maioria dos aspetos da vida quotidiana incluindo assistência médica especializada, ou acesso escolar, aos assistentes não é requerida a responsabilidade em tais aspetos, nem dada a autorização legal para representação da criança.

Depois de ser autorizada a identificação do refugiado menor enquanto pedinte de asilo ou refugiado, o SAR informa as casas de apoio social para que o menor seja reacomodado. Aqui o diretor da casa em questão passa a ser o representante legal, encarregue da defesa dos interesses da criança (ACNUR, 2016).

4.5-Integração dos pedintes de asilo

Refugiados têm dificuldades em assegurar um emprego estável não só devido à situação económica adversa na Bulgária como também devido: à falta de reconhecimento de qualificações passadas ou falta de apoio linguístico. Outras barreiras como a falta de saúde generalizada destas pessoas complica o processo. O SAR tenta potenciar a inclusão pelo emprego promovendo por exemplo, feiras de emprego, como aconteceu em Voenna Rampa em 2015.

Falta de acomodação adequada é outro sério problema que afeta os refugiados. Na ausência de apoio para encontrar casa, a maioria estabelece-se em centros de receção já referidos que por si só não ajudam a inclusão na sociedade.

Um elemento chave aqui é a Educação e o ensino da língua. De momento o “Refugee Project” orientado entre a Caritas Sofia e a CVS Bulgária estabeleceu aulas de búlgaro nos três centros. As condições vão melhorando lentamente porém a maioria não consegue entrar no sistema de ensino búlgaro, que exige um exame de entrada na mesma língua. Consequentemente é determinado o ano escolar no qual o refugiado pode ser inscrito. O “Refugee Project” aqui fornece o apoio educacional através da via informal, este que é apoiado/orientado pelo SAR (ACNUR, 2016).

5. “The Refugee Project”

O projeto pretende facilitar a inclusão social dos refugiados dos três campos de Sófia, através da Educação e atividades extracurriculares usando um modelo de cooperação entre voluntários e ONGS.

O objetivo é providenciar, diariamente, assistência educacional coletiva e individual para pessoas desde os 5 anos de idade. As áreas disciplinares a abordar são já de todo o tipo, num projeto que começou em 2010 no campo de Ovcha Kupel para facilitar inicialmente a integração das crianças.

O projeto começou então em 2010 por iniciativa da CVS-Bulgaria e em 2011 passou a ser um projeto-conjunto com a Caritas Sofia sendo que desde aí mais de 200 voluntários aderiram ao projeto.

As aulas abrangem todos os temas, e desde recentemente, são lecionadas nos três campos da cidade de Sófia: Voenna Rampa, Vrajdebna e Ovcha Kupel.

Há lições de búlgaro, inglês, artes, matemática e ciências, artes para mulheres e de música. Para além disso, diversas visitas de estudo, quando assistidas por financiamento.

Foi, desde que soube da existência da CVS na Bulgária, a inserção neste projeto que pretendi, questionando sobre essa possibilidade desde o início.

Neste sentido, foi-me dirigido que eu poderia fazer parte do projeto como estagiário curricular, desde que eu pudesse, durante três meses, satisfazer as necessidades de emergência da organização como por exemplo e mais importante substituir os voluntários.

A questão é que o período em que pretendi fazer o meu estágio coincidiu precisamente com o momento de maior carência voluntária da organização. Carência esta que era já prevista, com diversos voluntários a acabarem o seu período do SVE (Serviço Voluntário Europeu), ou simplesmente a tomarem diversos rumos.

Sendo assim foi estabelecido que me ficaria encarregue o leccionamento de três aulas distintas nos 3 campos diferentes de Dezembro de 2016 a Março de 2017: Matemática e Ciências para crianças com mais de 7 anos de idade em Voenna Rampa; Arte para crianças em Ovcha Kupel e Inglês para Adultos em Vrajdebna.

Uma forma de experienciar/praticar/vivenciar não só toda a teoria adquirida no âmbito das Políticas Comunitárias e Cooperação Territorial, mas fazê-lo através do contacto com uma maior abrangência de refugiados com diferentes idades e condições de vida.

6. Relatos de experiência de vidas no campo de refugiados

Devo referir primariamente, que o meu plano relativo às entrevistas foi, desde o início, entrevistar um Refugiado de cada campo onde trabalhei (3) na tentativa de diversificar o máximo as várias realidades existentes inerentes à crise.

Todavia isto não foi possível, ora por falta de vontade e medo de muitas das pessoas a quem propus um guião com algumas perguntas, ora devido à falta de autorização dos pais, por exemplo, no caso dos potenciais entrevistados mais jovens. Consegui, porém, uma entrevista com um só refugiado, que me provou assim que a qualidade não é quantidade, pois este indivíduo acabou por se tornar uma das pessoas que mais me marcou nesta curta mas intensa experiência.

Por outro lado, decidi fazer uma entrevista à coordenadora do Projeto onde me inseri: para evidenciar/demonstrar/partilhar o funcionamento deste projeto, a sua história, e alcance.

De forma a respeitar, na íntegra, os relatos de experiência de vidas, foi seguido o guião das entrevistas realizadas (conforme os Apêndices 1 e 2).

6.1. Entrevista a Katerina Stoyanova (Steering Board Chairperson)

Na apresentação do projeto que tive oportunidade de me inserir enquanto estagiário, foi-me possível obter informações mais precisas junto da entrevistada que assume o cargo de “Steering board chair person”. A mesma declara que lida “com todas as tarefas pendentes ou de última hora relativas ao projecto, bem como todas as burocracias, em suma, sou a líder do projeto desde o início e é a mim a quem todos ligam para tentar resolver os inevitáveis problemas de última hora.”

Sobre o início do projeto, duração e os objetivos prosseguidos, atente-se às seguintes passagens:

“Estou, desde o início, envolvida no projeto desde a sua criação. Tudo começou com uma pequena ideia de integrar as crianças no campo de Ovcha Kupel através da educação informal. O projeto começou com 1 aula semanal de búlgaro para crianças, e cresceu. Hoje em dia lecionamos vários temas nos 3 campos de Sófia. Desde 2011 que a Caritas faz parte do nosso projeto, sendo a liderança dividida.”

“O projeto tem a duração de 4 meses divididos por três termos. Principalmente, esta separação serve para a entrada de novos voluntários que vêm por exemplo de programas de mobilidade tal como tu!”

“A ideia principal é criar um espaço onde voluntários e refugiados se encontram, ou seja e confronto de culturas e, ao fim ao cabo, o confronto da ideia de “posse”. Isto torna-se diferente dos voluntariados mais comuns pois o nosso objetivo é tentar empoderar as pessoas e não oferecer-lhes benefícios de qualquer tipo.”

6.1.1. A Educação dos Refugiados

Ao longo do meu estágio tive oportunidade de identificar vários domínios curriculares importantes de serem lecionados numa tentativa de fazer chegar a educação informal aos alunos. Esta educação serve para o desenvolvimento de competências e valores fulcrais para o atingir do objetivo de enquadramento social europeu. Entre esses, a de organização, a inclusão social, a heterogeneidade por exemplo, assumem o papel principal. Para isso as metodologias são vastas e propostas por várias partes, numa tentativa de fazer chegar essa mesma Educação informal aos Refugiados.

“Escolhemos em duas direções: naquela que os pais das crianças opinam: e a maioria cita sempre a Matemática enquanto uma área curricular necessária de ser lecionada. Por outro lado, tentamos diversificar o máximo possível com atividades sempre fora do campo, tentamos ensinar sempre pelas vias mais práticas, experienciando e vivenciando. Consequentemente, temos atenção não só ao básico como o búlgaro e o inglês, mas áreas mais vívidas como as Artes e as Ciências.”

Sendo assim, as aulas tinham de ser devidamente planeadas e organizadas pelos voluntários, tendo estas lições a obrigatoriedade de serem partilhadas. A necessidade de partilha de informação é notória e fica a cargo dos voluntários o “upload” dos documentos via online.

Por outro lado, hipóteses de educação informal através de metodologias mais lúdicas ou práticas também eram postas em prática como meio de mais facilmente fazer chegar determinados conteúdos e por último, valores. Visitas ao teatro ou à escola de francês foram exemplos crassos destas práticas.

“Acima de tudo serve o upload dos planos das aulas para dar inspiração aos novos voluntários para estes se familiarizarem com os conteúdos já lecionados no ano, digamos, “letivo”.

Assim, eles conseguem obter não só novas ideias como dar continuidade àquelas que já foram lecionadas.”

“Primeiro, dentro da organização temos o Comitê de Excursões composto por voluntários, este comitê é necessário pois leva algum tempo para obter aprovação para por exemplo visitas de estudo. Conhecemos já bem o procedimento que temos de adotar, mas ele é maçudo e requerente de algum tempo da nossa parte”

6.1.2. O funcionamento do Projeto

É, então, necessária concentração e tempo na organização destas excursões que por si só são difíceis de ser materializadas. As burocracias inerentes a um projeto coordenado por duas partes (CVS e Caritas) e apoiado por outra (SAR), traz obviamente dificuldades para todos principalmente para os que lideram. A partir desta lógica o meu objetivo aqui neste ponto é demonstrar algumas das dificuldades patentes nestes processos

“O SAR não faz parte do projeto, mas é a organização que lidera os campos. Ora então 1 coordenador proveniente do SAR tem que estar presente em cada excursão para sua mediação e avaliação. Quanto a divisão Caritas/CVS ela é bastante simples: quem (dentro das organizações) tenha conhecimento de locais a visitar e posso tornar essa visita possível é quem acaba por ter a predisposição para a organização dessas mesmas visitas. Maioria das vezes sou eu!

“Várias coisas, muitas vezes os voluntários não vou às aulas o que não é o problema central pois arranja-se rápida substituição, mas o problema é ter que repetir muitas das coisas que já tinham ficado assentes anteriormente. O próprio entusiasmo dos voluntários pode ser um problema. Mas o problema principal acaba por ser o tempo. A referir também que há uma diferença entre valores cristãos da Caritas e os valores de voluntariado primários à CVS. Por exemplo eventos de natal de um “tipo” que pode não ser o nosso “tipo”, mas acaba sempre por se arranjar um meio-termo e a cooperação torna-se visível e patente.

6.2 Entrevista a Bewar Mossa (Refugiado no campo de Ovcha Kupel)

De forma a continuar a minha abordagem empírica decidi também entrar em contato com um Bewar Mossa, jovem habitante de um dos campos. Isto porque desde o início, ele foi um exemplo de inclusão para mim e para quem o conhecia, demonstrando uma vontade incessante de ajudar e cooperar. No campo, Bewar tem um papel fulcral, coordenando em conjunto com a Caritas uma das aulas. Interessou-me também a sua história de vida, a qual refiro a seguir, e causas que o fizeram fugir da Guerra.-“ Tenho 28 anos, sou proveniente de Duhok- Kurdistan-Iraque. Sou um muçulmano com 6 irmãos e irmãs.

“Basicamente tenho um problema familiar e a Bulgária acaba por ser uma cultura próxima da minha, por ter uma natureza próxima da minha. Sou graduado em Negócios e Administração. Quanto a trabalho, as minhas experiências são mais no meu hobbie que na minha área de estudos, gosto muito de fotografia. Tenho então experiência em Design gráfico e marketing por exemplo.

6.2.1. O Campo

Evidenciando anteriormente neste relatório as condições de vida dos campos, tornou-se necessário o testemunho de alguém que lá vive todos os dias. Uma prova concreta de que realmente essas condições não são de todo, favoráveis ou sequer higiénicas.

“É difícil, não é limpo, e não existem serviços de saúde em geral. Insetos e alergias são um problema, para não falar noutros. De qualquer das maneiras eu prefiro assim, é muito melhor e mais seguro do que a vida que eu tinha anteriormente.

“ Sim, tal como gostei de ser ajudado gosto de ajudar, sendo assim sou voluntário através da Caritas enquanto professor assistente tal como tu, mas eu é na tradução: curdo, árabe por exemplo. Por vezes ajudo a minha organização no contacto direto com os outros refugiados também, muitas vezes tenho de acompanhar alguém ao hospital, entre outras situações. Temos disponíveis 2 refeições por dia, às 12h e às 15h. Pessoalmente não me importa, não é importante para mim, mas sim poderia ser melhor é um facto. De qualquer das maneiras não critico pois é sempre alguma, mais do que aquela que tinha antes. ”

6.2.2. O Futuro

Demonstra, Bewar, uma tentativa de olhar positivamente para a sua condição temporária desfavorável e não só. Ele evidencia uma personalidade lutadora e ativa que não dá espaço a tristezas. Uma visão notável de um jovem que passou já por muito como refiro a seguir. Para além disso, quando questionado sobre algo mais que quisesse eventualmente partilhar Bewar foi expressivo:

“Quero uma vida normal, fora de políticas, com liberdade pessoal, fora da religião e ódio, os quais pude assistir. Gostava também de completar o meu mestrado. Mas acima de tudo quero uma vida segura, como qualquer um. Aqui é seguro, eu gosto da Bulgária.

“Sim, gostaria de partilhar o seguinte: Estou aqui na Bulgária porque temos problemas familiares De facto, temos inimigos que nos querem mortos, por isso fugi. É difícil para mim, mas foi uma decisão que tive de tomar. Perdi o meu emprego, muitos amigos, perdi a força para lutar contra este problema. Não é fácil viver nestas circunstâncias. Sei que podes pensar que temos governo e estabilidade mas isso é o que eles querem que pensemos. Não, não temos governo, pelo menos para todos não. Vivemos no Curdistão, em sociedade, mas esta é governada por tribos, muitas. Muitos ideais se confrontam, a guerra é inevitável. O meu tio era general, foi morto pelo estado islâmico. O meu pai também é general e ainda lá está. Só espero, um dia, poder voltar a vê-lo.”

7. A “minha” experiência

O campo de refugiados de Voenna Rampa foi o primeiro que tive oportunidade de visitar e desde logo foi aquele que mais me marcou.

Localizado no norte de Sofia, Voenna Rampa é uma antiga escola abandonada localizada numa área industrial. Cerca de 800 pessoas residem num campo com capacidade para 400 e os problemas associados a esta sobrelotação são muitos.

O edifício foi renovado há 2 anos atrás: isolamento térmico foi colocado bem como janelas onde não as haviam, um parque para crianças foi contruído e o complexo tem agora mais casas-de-banho do que anteriormente.

Apesar de tudo, a renovação não foi, evidentemente, suficiente. Os chuveiros não podem ser usados por não funcionarem, o isolamento não é de todo suficiente, e as casas de banho estão já destruídas, tomando os refugiados banho com baldes. Especialmente nos cantos das casas de banho o mofo e a humidade é tanto que as paredes estão destruídas. Estes locais estão, em todos os pisos, diretamente ligados aos quartos, então as pessoas estão constantemente expostas a estes defeitos.

Aqui, os refugiados têm direito a alimentação três vezes por dia (Às 10h, 12h, e 16h). Três fatias de pão e um copo de sopa sucessivamente. A cozinha não é contudo acessível.

Maioria dos habitantes são crianças, grande parte delas com menos de 6 anos de idade e também adolescentes que perderam os seus familiares no desastre da guerra. As famílias e os solteiros moram em pisos separados sendo que os quartos variam: alguns com 4-5 camas outros com 10 camas (especialmente na ala dos solteiros) num espaço onde em teoria não caberiam essas 10 camas.

As condições do campo foram desde logo motivo de desalento da minha parte, bem como a dos outros dois Ovcha Kupel e Vrajdebna. As condições são comuns nos 3 campos não havendo diferenciação da qualidade de vida entre eles: ela é baixa e perturbadora.

Foi, inicialmente, um esforço ter de lidar com a falta de condições de vida ligada a estes indivíduos mas o tempo trouxe aceitação e ao mesmo tempo pró atividade na tentativa de fazer o possível para reverter essas condições de vida.

Foi-me então exigida a presença nos 3 campos, para 3 aulas diferentes, em 3 dias diferentes, para lecionar Inglês para Adultos, Artes para Crianças e Matemática e ciências para crianças.

Criticamente escrevendo, o horário que me foi dado foi extremamente satisfatório, pois desde logo vi que poderia real e organizadamente ter uma palavra a dizer na Educação e formação dos Refugiados, e poder cumpri-la de forma eficaz.

A liberdade de escolha dos temas durante as lições é grande, pelo que tive oportunidade de usar a minha imaginação de forma criativa, específica e pessoal.

De acordo com a idade dos indivíduos, os temas das aulas variavam sempre num esforço de fazer chegar os conteúdos da forma mais simples e concreta possível.

O corpo Humano, a morfologia das árvores, o ciclo da água, a vida dos pinguins, os vulcões, as horas, os verbos “to be” e “to have”, as horas, o presente passado e futuro, a celebração de dias festivos nacionais, visitas de estudo à escola de francês e ao teatro eram exemplos das metodologias usadas na educação informal da qual eu fiz parte, e me dediquei intensamente. A ideia fundamental era sempre, comum a todas, o reusar de materiais quaisquer que eles fossem e para o que servissem. Assente nisso, os temas vinham por si só e não era difícil de os formular e planear.

A vida profissional era bastante simples, uma à qual eu me poderia habituar, pois os conteúdos e planos eram sempre, e rigorosamente, assimilados pelas pessoas. A Verdade é que me surpreendeu a facilidade com que os conteúdos eram aprendidos e desde sempre foi fácil a interação interpessoal independentemente da língua ou cultura em questão.

Foi, neste sentido, o meu dever muito concreto e requereu de mim sempre muita sinceridade e pragmatismo na minha forma de comunicar e de me fazer chegar às pessoas com quem interagia. Apenas isso, sinceridade e pragmatismo, na criação de uma personalidade profissional que me assentou, pois não diferiu muito da minha pessoa e naquilo que eu creio ser importante na arte de comunicar e de me fazer chegar.

Os 3 meses que passei na Bulgária cingiram-se a isto, 3 campos, 3 aulas, 3 lições diferentes. De certa forma, a rotina instalou-se e a variedade não foi muita, mas a evolução conseguida pelos alunos merece destaque. Em apenas 3 meses consegui ver miúdos a saberem de inglês o básico para poderem pelo menos entender o que lhes é dito pela nossa parte. Consegui, acima de tudo, ver evolução e desenvolvimento na educação e na personalidade das crianças e também dos adultos. Consegui ver um moldar de identidades, e a sua

Principalmente o nosso objetivo voluntário enquanto professores é fazer com que estas pessoas mais facilmente se possam habituar aos valores considerados europeus. Às maneiras e formalidades da nossa cultura tão distante da deles, mas tão necessária de ser ensinada e

assimilada uma vez que é neste continente que a maioria destas pessoas querem fazer o seu Futuro.

Conclusão

A sociedade búlgara, em si, tem o preconceito extremamente patente para com várias comunidades ou minorias. Isto, por si só, torna desde logo difícil a inserção social de todo e qualquer imigrante.

Os crimes de ódio, por exemplo, têm-se apenas intensificado com o fluxo de migrantes, o que mais facilmente torna o país mais numa zona de passagem do que num objetivo de vida para aqueles que fogem da Guerra.

Não só Refugiados têm a dificuldade burocrática de entrada no país como têm que lidar com discriminação de várias partes da sociedade búlgara. Ora isto também poderá ser, também, um efeito da menor adequabilidade das políticas de migração da União Europeia perante a falta de concórdia e ação inerentes por partes dos Estados-membros.

Após a pesquisa realizada e análise de todos os acordos políticos sobre este assunto à escala europeia, penso que ainda há muito a fazer em termos sua concretização. A Bulgária, acompanhando uma tendência europeia, tem dado uma resposta ao problema que claramente não evidencia o princípio de coresponsabilidade. Preferem fortificar as suas fronteiras e forçar as pessoas a saírem do país, ou a nem sequer entrar.

É preciso, a meu ver, não só rever os mais recentes acordos como dinamizá-los para aplicação concreta.

As agências e os sistemas de controlo de fronteiras veem os seus poderes reforçados e securitização europeia é uma realidade dos dias de hoje. Contudo existe uma consequência desta política conservadora. Em vez de acalmar a crise migratória, estas ações, e a falta delas, apenas fazem com que aqueles que são forçados a fugir o tentem fazer de forma ilegal, aumentando os riscos que também enfrentam.

A visão deveria ser de inclusão e não de exclusão, através de respostas mais humanas e práticas. Atuando no centro da questão, principalmente nos países limítrofes, a União Europeia poderia aplicar os seus esforços no incitar do Voluntariado e das Mobilidades por exemplo.

Tive oportunidade de presenciar numerosas pessoas a terem a vontade de ter algum contato com Refugiados. A educação informal como método poderá ser a resposta. Os resultados são imensos. A facilitação das vidas e da inclusão das pessoas na sociedade trará, a longo termo, as suas vantagens. Organizações como aquela em que pude estagiar têm como objetivo, o encontro entre Voluntários e Refugiados o que por si só é a verdadeira arma, no meio do conflito.

Além disto, é precisar aceitar a importância da mobilidade constante do ser Humano e criar conjunturas ou sistemas de ação concretos, modernos, flexíveis e adaptáveis.

É neste sentido, e não no político, que concluo o meu relatório. O meu trabalho foi acima de tudo humanitário e é nessa vertente de ajuda e proatividade quero terminar, fazendo uma avaliação acima de qualquer expectativa inicial da minha experiência na Bulgária.

Aprendi, acima de tudo, que a felicidade está nas pequenas coisas e momentos, nas pequenas ações de partilha, que foram tantas durante estes 3 meses.

Profissionalmente, é verdade que o facto de ter concluído com sucesso o meu estágio sem dúvida que me ajudará no futuro, mas é a vertente pessoal que eu quero sublinhar, da formação de personalidade, do ganho de humildade.

Não esquecerei as pessoas e a oportunidade de interação e conhecimento destas realidades que me foi oferecida pela CVS-Bulgaria. Juntos, criámos uma base sólida de conhecimentos das matérias lecionadas, base essa a ser utilizada no Futuro pelos próximos voluntários na consolidação dos conhecimentos partilhados.

A maior crise migratória desde a 2ªGuerra Mundial trouxe como evidenciado neste relatório a necessidade de interajuda e de Voluntariado mais do que nunca, e a minha vontade sempre foi prática.

Pude ver por mim próprio o problema, conhecer as suas causas, as suas consequências e saber os enredos políticos e burocráticos adjacentes mas penso que no final a satisfação de ter tido a oportunidade de atuar diretamente nos campos e de fazer a diferença por mim próprio será no Futuro o que recordarei.

Bibliografia:

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2015). Refugiado ou Migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto: ACNUR: Agência da ONU para Refugiados. Retirado em 17 janeiro, 2017, de <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2016). Bulgaria as a country of asylum. Retirado em 25 janeiro, 2017, de <http://www.unhcr.org/53198b489.pdf>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2016). O que é a Convenção de 1951?: ACNUR: Agência da ONU para Refugiados. Retirado em 15 janeiro, 2017, de <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/o-que-e-a-convencao-de-1951/>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2016). Estatísticas: ACNUR: Agência da ONU para Refugiados. Retirado em 17 janeiro, 2017, de: <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (n.d.). UNHCR - UNHCR Global Trends 2015. Retirado em 20 janeiro, 2017, de: http://www.unhcr.org/576408cd7#_ga=1.252146767.753691729.1484386337

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2013). Bulgaria as a country of Asylum. Retirado em 1 de fevereiro, 2017, de: <http://www.unhcr.org/53198b489.pdf>

AREF-government. (n.d.). Types of special protection. Retirado em 5 fevereiro, 2017, de: <http://aref.government.bg/docs/protection.doc>

BBC. (2015). Refugiados na Europa: a crise em mapas e gráficos - BBC. Retirado em 23 janeiro, 2017, de: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_graficos_imigracao_europa_rm

BBC. (2016). 7 perguntas para entender a origem da guerra na Síria e o que está acontecendo no país - BBC Brasil. Retirado em 18 janeiro, 2017, de <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37472074>

Bordermonitoring. (2015). Voenna Rampa: Living on the margins of society | Bordermonitoring Bulgaria. Retirado em 13 fevereiro, 2017, de <http://bulgaria.bordermonitoring.eu/2016/04/19/voenna-rampa-living-on-the-margins-of-society/>

Comissão Europeia. (2011). *Maior cooperação e mobilidade no centro da nova estratégia de migração da UE*. Retirado em 1 fevereiro, 2017, de http://europa.eu/rapid/press-release_IP-11-1369_pt.htm

Comissão Europeia. (2014). *Política externa da UE para a migração: uma abordagem mais audaciosa*. Retirado em 29 janeiro, 2017, de http://europa.eu/rapid/press-release_IP-14-167_pt.htm

Comissão Europeia. (2014). *Sistema Europeu Comum de Asilo*. Retirado em 1 fevereiro, 2017, de https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/e-library/docs/ceas-factsheets/ceas_factsheet_pt.pdf

Comissão Europeia. (2015). *Agenda Europeia de Migração*. Retirado em 30 janeiro, 2017, de https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agenda-migration/background-information/docs/communication_on_the_european_agenda_on_migration_pt.pdf

Comissão Europeia. (2016). *File: Asylum applications (non-EU) in the EU-28 Member States, 2005-15 (1) (thousands) YB16.png*. Retirado em 29 janeiro, 2017, de [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Asylum_applications_\(non-EU\)_in_the_EU-28_Member_States,_2005-15_\(%C2%B9\)_\(thousands\)_YB16.png](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/File:Asylum_applications_(non-EU)_in_the_EU-28_Member_States,_2005-15_(%C2%B9)_(thousands)_YB16.png)

Comissão Europeia. (2016). *Migration and migrant population statistics*. Retirado em 31 janeiro, 2017, de http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migration_and_migrant_population_statistics

Comissão Europeia. (2016). *Portal da Imigração da Comissão Europeia*. Retirado em 30 janeiro, 2017, de <http://ec.europa.eu/immigration/showContent.do?id=17054#EUIImm>

Comissão Europeia. (2017). Home - Eurostat. Retirado em 31 janeiro, 2017, de <http://ec.europa.eu/eurostat>

Comité Internacional da Cruz Vermelha. (2010). *As Convenções de Genebra de 1949 e seus Protocolos Adicionais*. Retirado em 7 fevereiro, 2017, de <https://www.icrc.org/por/war-and-law/treaties-customary-law/geneva-conventions/overview-geneva-conventions.htm>

Cooperation for Voluntary Service Bulgaria. (2017). *Structure of CVS-Bulgaria*. Retirado em 16 janeiro, 2017, de <http://cvs-bg.org/cvs-team/?lang=en>

Conselho da União Europeia. (2008). *Pacto Europeu de Imigração e Asilo*. Retirado em 26 janeiro, 2017, de <http://register.consilium.europa.eu/doc/srv?l=PT&f=ST%2013440%202008%20INIT>

Direção Geral da Administração Interna. (2010). *Portugal no Espaço Europeu de Liberdade, Segurança e Justiça*. Retirado em 7 fevereiro, 2017, de <http://www.dgai.mai.gov.pt/?area=102&mid=105&sid=105>

Direção Geral da Administração Interna. (2010). *Fernando Alexandre debate as prioridades do Espaço de Liberdade e Segurança da União Europeia para o período de 2015-2019*. Retirado em 7 fevereiro, 2017, de <http://www.dgai.mai.gov.pt/?area=203&mid=000&sid=1&ssid=000&cid=CNT51e55ccf9d269>

EUR-LEX. (2007). *Futuro do Sistema Europeu Comum de Asilo*. Retirado em 24 janeiro, 2017, de <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=uriserv:l14561>

EUR-LEX. (2010). *Programa de Estocolmo*. Retirado em 24 janeiro, 2017, de <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=URISERV%3Ajl0034>

EUR-LEX. (2014). *Pacto Europeu de Imigração e Asilo*. Retirado em 10 fevereiro, 2017, de <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=URISERV%3Ajl0038>

EUR-LEX. (2015). *Trabalhadores de países não pertencentes à União Europeia: formalidades mais simples de residência e trabalho*. Retirado em 25 janeiro, 2017, de <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=uriserv:l14574>

EURONEWS. (2015). *Migração: Regulamento de Dublin começa a abrir brechas na União Europeia*. Retirado 4 fevereiro, 2017, de <http://pt.euronews.com/2015/09/10/migracao-regulamento-de-dublin-comeca-a-abrir-bechas-na-uniao-europeia>

FRONTEX. (2017). *Eastern Mediterranean route*. Retirado em 22 janeiro, 2017, de <http://frontex.europa.eu/trends-and-routes/eastern-mediterranean-route/>

FRONTEX. (2017). *Migratory routes map*. Retirado em 15 janeiro, 2017, de <http://frontex.europa.eu/trends-and-routes/migratory-routes-map/>

Organização Internacional para as Migrações. (n.d.). *Our History*. Retirado em 26 janeiro, 2017, de [http:// https://www.iom.int/iom-history/](http://https://www.iom.int/iom-history/)

Pais, R. & Morgado, M (2010). *Imigração, Integração e Diversidade: Que Repostas Europeias?*. Retirado em 20 janeiro 2017 de <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/files/database/000042001-000043000/000042746.pdf>

Parlamento Europeu. (2017). *Política de imigração*. Retirado em 3 fevereiro, 2017, de http://www.europarl.europa.eu/atyourservice/pt/displayFtu.html?ftuld=FTU_5.12.3.html

Vincent, E. (2010). *Imigração: As novas rotas do Mediterrâneo*. Le Monde. Retirado em 26 janeiro, 2017, de <http://www.voxeurop.eu/pt/content/article/280621-novas-rotas-do-mediterraneo>

Apêndice 1 - Guião de entrevista a Katerina Stoyanova

- 1- Qual o seu envolvimento no projeto?
- 2- Qual a duração do projeto e o seu objetivo?
- 3- Quais os temas abordados nas aulas?
- 4- Quais os métodos considerados menos usuais ou mais relevantes?
- 5- Como se organiza a criação das lições abordadas?
- 6- Como funciona, no dia a dia, o projeto?
- 7- Quais as maiores dificuldades associadas ao seu cargo?

Apêndice 2 – Guião da Entrevista a Bewar Mossa

- 1- Agradecia primariamente uma apresentação formal com o nome, idade, país, área, religião, história familiar.
- 2- Completou algum tipo de estudos
- 3- Porquê a Bulgária?
- 4- Tem experiência laboral?
- 5- Como é a vida no campo?
- 6- Como atua o voluntariado no campo?
- 7- Como é a alimentação no campo?
- 8- Como vês o teu Futuro?